

FILOSOFIA DA FÍSICA – FÍSICA DA FILOSOFIA

Bruno C. Duarte¹

(IFILNOVA, Universidade Nova de Lisboa)

Heterogeneidade e afinidade, fusão e dissolução

Um dos fragmentos póstumos de Friedrich Schlegel afirma lapidariamente:

Poesia e Filosofia irão sempre atravessar-se reciprocamente. [...] daí resultarão fenómenos inteiramente novos, assim como a explicação de muitos outros, mais antigos, até aqui incompreendidos.²

Esta noção de dois elementos que se atravessam reciprocamente ou se fundem um no outro, que se unificam ou se misturam, é claramente derivada da terminologia da Química, a que Schlegel recorreu frequentemente para formalizar relações entre conceitos. Nos seus textos, ele designou mesmo a sua época, sob o signo da Revolução Francesa, como “uma época química”³, à qual deveria suceder, por demarcação e antecipação, uma época orgânica. Por várias vezes, tal como acontece com o processo histórico,

¹ hh1846@gmail.com

² *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, Vol. 18, Ed. E. Behler, Paderborn, Munique, Viena, Zurique, 1964, p. 342 (fr. 243). Salvo outra indicação, as citações dos textos de Schlegel referem-se a esta edição, daqui em diante designada por KA, seguida da referência ao volume, número de página e número do fragmento citado. Todas as traduções são da responsabilidade do autor do presente texto.

³ KA 2: 248 (Ath. 426).

ele definirá toda a poesia moderna, sob o signo da Química, como poesia mista. Num dos fragmentos da revista *Athenäum*, é a própria Filosofia que passa a ser descrita como fruto da interpenetração e fusão de duas forças em conflito, Poesia e praxis.

A propósito das lacunas que encontra na crítica da Filosofia de Schelling, sobre a qual fará frequentemente pesar o seu juízo condenatório, Schlegel expõe de forma rasante as implicações daquilo a que chama o “processo químico do filosofar”:

À Filosofia suprema, assim o presumem alguns, seria possível tornar-se novamente Poesia; e trata-se mesmo de uma experiência bem conhecida, que as naturezas comuns só comecem à sua maneira a filosofar no momento em que deixam de viver.⁴

Num outro fragmento pode ler-se:

Os ideais que se tomam a si mesmos por inalcançáveis não são, por isso mesmo, ideais, mas antes fantasmas matemáticos do pensamento puramente mecânico. Quem possui uma vocação para o infinito, e sabe o que quer com ela, vê nele o produto de forças que se separam e se misturam eternamente, pensa pelo menos quimicamente os seus ideais, e enuncia, quando se exprime resolutamente, puras contradições. A esse ponto parece ter chegado a Filosofia da época; mas não a Filosofia da Filosofia: pois mesmo os idealistas químicos têm de facto, não raras vezes, apenas um ideal matemático unilateral do filosofar. As suas teses a esse respeito são inteiramente verdadeiras, isto é, filosóficas, mas faltam as respectivas antíteses. Parece não ter ainda soado a hora de uma Física da Filosofia, e só o espírito perfeito seria capaz de pensar ideais organicamente.⁵

O primeiro juízo é claro: o Idealismo químico (no qual assoma a *Doutrina da Ciência* de Fichte, o vértice da “Filosofia da época”) é insuficiente para pensar quimicamente um ideal até ao fim, isto é, para o traduzir num pensamento inteiramente orgânico. Em contrapartida, como se chega à ideia de uma Filosofia que, ao reflectir sobre si própria, deixa pressentir algo da ordem da “Física” que a constitui? O que se encontra na raiz deste esquematismo, nos limites da curvatura que conduz de um pensamento mecânico (a matematicidade do fundamento primeiro) a um pensamento orgânico (a Física do infinito, o crescimento do ideal como um todo vivo)?

⁴ KA 2: 216.

⁵ KA 2: 243.

Dois pares de conceitos fundamentais preparam o terreno para todo o pensamento de Schlegel sobre o encontro da Poesia com a Filosofia: a heterogeneidade e a afinidade, por um lado, a fusão e a dissolução, por outro. Nestas quatro instâncias irá travar-se a luta intrínseca a uma questão omnipresente em todo este contexto, a saber, o problema da constituição de um todo, na sua universalidade, a partir do que é distinto. Como suscitar na totalidade uma coesão entre tudo o que não é idêntico, entre os diferentes modos do conhecimento, entre as várias espécies, expressões e formas distintas das coisas e dos seres sobre a terra? Uma anotação de 1797-98 comprime e resume esta interrogação:

Sempre que alguém aspira a formar os elementos não apenas de *forma homogênea*, mas antes também de *forma heterogênea*, esse alguém aspira à *totalidade*, não apenas à *unidade*.⁶

A unidade é aqui o modelo que se trata de superar: uma estrutura de purificação de tudo o que há de oposto e contraditório, da qual resulta a similaridade e a simetria, o modo natural da unidade como harmonia. No extremo oposto encontra-se um pressuposto do processo da Química, que serve de guia ao repto lançado à forma da Filosofia no final do século XVIII. Esse pressuposto equivale à própria cláusula de começo do método químico: a separação e mistura de elementos heterogêneos – por oposição à simples acumulação, justaposição, aglomeração do idêntico – da qual resulta a composição de uma nova substância, a elevação a um terceiro termo, cuja qualidade lhe é inteiramente própria e não está contida em nenhum dos elementos a partir dos quais ele foi composto.⁷

Desta elevação das partes à totalidade que age contra o postulado da harmonia imóvel exemplificada pela cultura clássica, emerge toda a arquitectónica da correlação entre os géneros poéticos, entre a Poesia e as outras artes, e por fim, de modo geral, entre os próprios conceitos em que se enquadram todos estes elementos, entre os quais se conta por sua vez o grau oscilante de evidência e de suspeição que de cada vez se crê descortinar nas palavras “Poesia” ou “Filosofia”.

⁶ F. Schlegel, *Literarische Notizen 1797 -1801*[*Literary Notebooks*, Ed. H. Eichner, Frankfurt/M., Berlim, Viena, 1980, p. 28 (daqui em diante designado pela sigla LN, seguido do número do respectivo fragmento, aqui: LN 46).

⁷ Cf. P. Kapitza, *Die frühromantische Theorie der Mischung. Über den Zusammenhang von romantischer Dichtungstheorie und zeitgenössischer Chemie*, Munique, 1968; M. Chaouli, *The Laboratory of Poetry. Chemistry and Poetics in the Work of Friedrich Schlegel*, Baltimore, Londres, 2002. Ambos referem especificamente os inúmeros paralelismos entre a construção metafórica de Schlegel e a representação corrente da Química nos finais do século XVIII.

No seu estado envolvente ou circulatório, a Filosofia é idêntica com o “espírito da universalidade, a ciência de todas as ciências que eternamente se misturam e se voltam a separar, uma Química lógica”.⁸ O “princípio e órgão da Filosofia universal”, por seu lado, *na sua materialidade*, é o Witz, achado inesperado ou acaso relampejante do espírito, que está na origem não apenas da expressão poética que se eleva e desfaz a si mesma num único instante, mas também do surgimento inesperado das descobertas científicas às quais chegaram os filósofos por meio do “aspecto combinatório do pensamento”.

Nas Lições filosóficas de Colónia (1804-1805), o capítulo dedicado à teoria da consciência vê no Witz “o espírito combinatório”, a “faculdade de descobrir as semelhanças entre objectos que de outro modo existem como maioritariamente independentes, distintos e separados, e, assim, de ligar numa unidade o mais diverso, o mais distinto”.⁹ Enquanto “princípio da arte combinatória”¹⁰, ele representa um órgão ao mesmo tempo receptivo de afinidades entre os elementos da Poesia e da Filosofia, e produtivo da universalidade que ressalta da sua união. Enquanto espírito químico ou “Química universal”¹¹, exhibe a faculdade composta que o constitui abertamente no sincronismo irregular e na hibridação dos opostos – razão e imaginação, encadeamento lógico e invenção –, deslocando em todos os sentidos os dois termos da unificação.

Na descrição que Schlegel apresenta, sob o signo da Enciclopédia, da universalidade presente no processo de construção e organização do “grande todo da ciência e da literatura”, transparece ainda o vocabulário operatório da Química:

Quanto maior a riqueza e a diversidade do seu conteúdo, mais estimulante e fortalecedora será a sua acção. A suprema riqueza e variedade do material são constituídas de modo tanto mais claro, e pensadas e sentidas como finalidade do todo, que, quanto menos nisso se entrevê uma forma artificial, mais aí predomina unicamente a matéria maciça. (...) só no lugar em que é unificada uma plenitude de materiais distintos podem dar-se novas composições e interacções químicas [da universalidade].¹²

⁸ KA 2: 200 (Ath. 220).

⁹ KA 12: 403.

¹⁰ KA 18: 259 (784).

¹¹ KA 18: 230 (440).

¹² KA 3: 178 -179.

Para que lhe seja possível encontrar a sua sintaxe, a Filosofia terá de abandonar o balbuciar do seu próprio saber como declinação morosa de si própria, aliando a um “método seguro” as forças materiais do entusiasmo e do génio. A “Arte e Ciência combinatória”¹³ é mantida viva, ou pelo menos antecipada, pelo *Witz* como “princípio que liga quimicamente”.¹⁴

***Ars combinatoria* e método experimental**

Schlegel irá debater-se ainda por muito tempo com a dificuldade em determinar o método adequado ao espírito combinatório. No seu caso, essa questão prende-se com um confronto de vários anos não apenas com a Filosofia crítica de Kant, mas em primeiro lugar com a assimilação e contra-projecção desta última operada por Fichte. Nas suas Lições de Jena (1800-1801), que resultam precisamente de um longo período de incubação de todas as perplexidades e efeitos colaterais dessa leitura contínua, Schlegel escreve:

Ao espírito combinatório, que é suposto substituir a invenção, vem juntar-se o método da experimentação. Constitui um princípio da nossa Filosofia o considerar apenas uma realidade. A verdade da semelhança é a *analogia*. A faculdade de apreender tais semelhanças é o *espírito combinatório*. A esfera do espírito combinatório é inteiramente indeterminada. Mas tem de haver um método segundo o qual se deve proceder. Este método será a experimentação. Quem procede de acordo com este método pode permitir-se as tentativas mais audazes. Irá com toda a certeza dar de caras com a realidade.¹⁵

Estas palavras fornecem uma primeira explicação e uma culminação teórica da crítica dirigida por Schlegel às várias camadas e reformulações da *Doutrina da Ciência* de Fichte. No limiar de uma perspectiva histórico-filosófica, evidencia-se desde logo o antagonismo de princípio que opõe o método experimental (ou químico) à concepção de uma Filosofia assente num princípio primeiro, absoluto e incondicionado do conhecimento.

Se se considerar a Filosofia como um processo alternado de análise e síntese no seio da separação e da mistura, torna-se visível a afinidade estritamente processual que a aproxima da Química: ambas separam e

¹³ KA 2: 200.

¹⁴ KA 18: 394 (882).

¹⁵ F. Schlegel, *Transcendentalphilosophie*, Ed. M. Elsässer, Hamburgo, 1991, p. 102.

misturam, dividem e unificam, com a reserva de que, entre o gesto analítico da negação e o princípio sintético da unificação, entre a produção de dissemelhanças e o levantamento de afinidades, não pode haver consenso, quer quanto ao que é pressuposto, quer quanto ao que é visado por cada uma delas.

Ao mesmo tempo, a arte combinatória – essencialmente empírica, e submetida à indeterminação própria do modo de operação da Química – significaria mais exactamente, no interior da própria Filosofia, o foco auto-corrosivo do Idealismo, isto é, uma denúncia activa a um tempo do monismo (um começo absoluto puro) e da estrutura teleológica (um fim enunciado como corpo estanque, não mais solúvel, do Absoluto) que dominam o próprio acto da sua constituição.¹⁶

Quando Schlegel diz do “método do Idealismo” que se trata de um “um experimentar combinatório”¹⁷, antecipando no encontro a dissensão dos dois planos, o interesse da sua observação não reside em primeiro lugar numa medição linear dos efeitos de um modelo científico sobre um corpo especulativo. Em rigor, ele excede em muito um tal princípio de reactividade, pois é no ponto em que a heterogeneidade tenta de novo sobrepor-se à afinidade dos elementos, no ponto em que o que separa fere o que liga, que a pergunta pelo método propício ao espírito combinatório se torna afim ao problema dos limites da Filosofia como saber experimental.

Por um lado, Schlegel reconhece que foi Fichte quem divisou o método mais rigoroso e fértil para a arte da reflexão:

De acordo com esse método, a Filosofia tornou-se uma ciência absolutamente experimental. Os factos são doravante a sua única base, e ela abandonou para sempre as combinações inúteis das abstracções arbitrárias e esvaziadas de sentido. O seu caminhar rigoroso pode actualmente ser semelhante, no que toca à solidez dos factos e à sagacidade das experiências, ao do imortal Lavoisier, modelo sublime e perfeito no seu género.¹⁸

Por outro lado, há que definir qual o passo a dar *contra* Fichte, isto é, como provocar a expansão do seu método e dissolver o começo e o fim absolutos deste último. O acto de filosofar cuja pressuposição fundamental revela ser não uma entidade pura *a priori*, mas antes o fundo heterogéneo, múltiplice da matéria, e em cada instante o impedimento (ou o adiamento)

¹⁶ Cf. M. Chaouli, *The Chemical Critique of Idealism*, in: *The Laboratory of Poetry*, op. cit., pp. 208-219.

¹⁷ *Transcendentalphilosophie*, op. cit., p. 21.

¹⁸ KA 18: 543.

da síntese no horizonte da qual se encontrava precisamente a edificação de uma ontologia inamovível do fundamento: eis o que, aquém e à margem da *Doutrina da Ciência*, poderá talvez tornar compreensível a acepção empírica de uma crítica da Filosofia capaz de antever nela mesma uma potência de contaminação a partir do seu interior, isto é, para recuperar os termos anteriores, um corpo composto sempre divisível na alternância de separação e mistura. Aqui residiria obliquamente a única discursividade possível do método experimental, que molda o gesto filosófico, desvelando a lei das suas afinidades, para logo de seguida o corromper no seu âmago e no seu andamento.

Ora sucede que uma prática experimental da Filosofia traz implicada em si, enredada num segundo campo de forças, o que parece ser uma nova instância epistemológica. “A Filosofia é uma experiência”, escreve ainda Schlegel no seu esboço de sistema, mais precisamente, “um experimentar, como na Física”.¹⁹

Física especulativa e Filosofia da natureza

Há uma razão para a aparição aparentemente abrupta, nos textos de Schlegel, da *Física*, assim como para a sua articulação, explícita ou implícita, com a *Química*. Essa razão convoca duas ordens de problemas, ambas relacionadas com a definição de uma estrutura de leitura do mundo natural e das leis da sua organização.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a intensidade com que toda a última década do século XVIII acolhe a problemática da relação entre as duas disciplinas, Química e Física, visando a circunscrição conceptual do método, da formação e do estatuto de uma em relação a outra. O *Traité élémentaire de Chimie* de Lavoisier, o auto-intitulado fundador da Química moderna, assinala, em 1789, um capítulo determinante no seio justamente desta agitação crescente em torno da classificação do conhecimento científico, isto é, do estabelecimento de uma hierarquia e de uma ordem histórica das ciências. Em termos gerais, o centro da polémica diz respeito à exclusão da Química – o estudo empírico das mudanças na composição e nas propriedades dos corpos, cujo começo permanece indissociável da Alquimia – do domínio da ciência. Está em causa o problema do acesso da analogia figurativa e descritiva, envolvida no processo químico, à autonomia de um método dedutivo sistemático, fundado numa certeza apodíctica.

¹⁹ F. Schlegel, *Transcendentalphilosophie*, op. cit., p. 3.

Em segundo lugar, parece notório que o debate relativo à fundamentação científica da Química tem por pano de fundo toda a discussão, por volta de 1800, sobre a autonomia de uma Filosofia da natureza, fixada na procura de um princípio primeiro capaz de determinar e unificar todas as ciências. Foi neste contexto que, nas suas *Ideias para uma filosofia da natureza* (1797), Schelling tentou pensar a génese e a estrutura da matéria como resultado de uma relação dinâmica de forças em interacção, e assim também, de modo correlativo, a prática experimental da Química enquanto intuição da lei de reciprocidade que faz mover essas forças. A sua consideração da Química como ciência elementar, aliada à refutação da visão mecanicista da natureza, presente quer no postulado de uma estruturação orgânica do todo e das partes, quer numa elevação do conceito de polaridade das forças (que se dá a ver nos fenómenos do processo químico, da electricidade e do magnetismo) como princípio de geração das propriedades da matéria, levaram-no por fim ao conceito, largamente difundido na época, de uma Física especulativa. Nesta última, uma espécie de meta-química orientada precisamente pelo fundamento dinâmico da doutrina orgânica, e pela unidade de princípio que a define em todas as suas manifestações, são procuradas – deduzidas *a priori*, segundo o pressuposto de uma condição prévia absoluta – as causas originárias do movimento e do nexos causal da natureza.

Para Schlegel, contudo, esta visão de uma unidade fundamental das ciências como fundação *a priori* da Física tinha por força de ser insuficiente, e, acima de tudo, excessivamente exígua e inoperante. Aos seus olhos, o vocativo do devir infinito na História nunca deixa de ser predominante: a Física é para ele, no seu âmago, tal como para Novalis²⁰, a quintessência da ciência por vir, unificada como um todo vivo, ou seja, aquilo que não existe ainda, que apenas é possível pensar, anunciar, esperar; e que todavia, talvez ou precisamente por essa razão, é também, na sua manifestação presente, a exigência da “pura empiria”²¹ guiada pelo rigor da forma científica.

As numerosas observações de Schlegel sobre o estatuto da Física como “ciência prática da substância” ou estudo dos processos (por oposição aos produtos) da natureza levaram-no a questionar profundamente o alcance e a legitimidade da sua ligação ao conhecimento matemático, isto é, a avaliar o grau de coerência de uma Física teórica, e assim também, por arrastamento, o quinhão de abstracção que lhe corresponde. O seu problema de raiz – como definir um método ao mesmo tempo da história natural e da filosofia da natureza – fê-lo aspirar a “tratar Física e Matemática de

²⁰ Novalis: *Schriften*, Ed. P. Kluckhohn, R. Samuel, Vol. III, Darmstadt, 1968, p. 242 (8).

²¹ KA 3: 8 -9.

modo inteiramente revolucionário”²², algo que, em última análise, não poderia significar outra coisa senão uma derradeira insistência na posição da Física como laboração empírica de carácter divinatório, enraizada num pensamento sincrético-crítico, prático do infinito, que se subtrai residualmente ao desígnio especulativo estrito.

Daí decorre também que, inspirado pela teoria da natureza dos Antigos, e dispondo à sua frente a grelha da variabilidade desta última no decurso de vários séculos – a Física intelectual, materialista e mecanicista atribuída a Aristóteles, Descartes e Newton, respectivamente²³ –, Schlegel tenha acreditado entrever na Magia, no Mistério ou na Mística, nomeadamente na Astrologia, o corolário prático da Física, sem descortinar nesse resvalar dos conceitos qualquer contradição. Na sua perspectiva, o gesto divinatório é-o apenas no rasto imediato do empirismo, no encaço da “Física natural”²⁴, muito embora o fito (o ideal que é preciso pensar quimicamente e fisicamente) continue a ser o de toda uma época, a saber, alcançar a “Física superior” através da “verdadeira Religião”, e equacionar desse modo a “Física do universo” com a “Lógica divina”.²⁵

É também desse modo que a representação da Física moderna chega a coincidir com a “visão mitológica da natureza” que nela estava ausente, e se vê reconduzida, por projecção, à fecundidade dos seus “paradoxos dinâmicos”²⁶ – um pouco, de resto, à imagem d’*O mais antigo programa sistemático do Idealismo alemão*, no qual as próprias limitações da Física contemporânea servem para tornar saliente a antevisão da “Física em grande escala”, à qual foram de novo dadas “asas”²⁷, e que se elevará assim nos tempos por vir, até chegar a ser imaginada, no caso de Schlegel em particular, após uma série de transformações, como uma “ciência mística do todo”.²⁸

O tactear contínuo de Schlegel em busca de uma essência da Física permanece ligado a uma prescrição recorrente no seu pensamento: a auto-transformação incessante do conceito que gira sobre si próprio. Duas instâncias, separadas por alguns anos – de 1798 a 1802 – mostram-no com

²² KA 18: 273 (933).

²³ KA 19: 51 (96), 198 (198), 79 (374).

²⁴ KA 18: 302 (1289).

²⁵ Cf. KA 19: 257 (415), KA 18: 261 (808), KA 19: 4 (14), KA 18: 391 (843).

²⁶ KA 2: 314 -315, 322.

²⁷ *Mythologie der Vernunft. Hegels «ältestes Systemprogramm des deutschen Idealismus»*, Ed. Ch. Jamme, H. Schneider, Frankfurt/M., 1984, p. 11.

²⁸ KA 2: 325.

clareza: “A Física pode apenas transformar-se, não existe à partida. [...] O objecto da Física é a essência do devir infinito.”²⁹ À semelhança da natureza, a Física não é alguma coisa, a não ser aquilo em que a cada instante pode *tornar-se*.

“A Filosofia, uma espécie de Química transcendental.”

A menção fortuita, no *Athenäum*, de uma “Física experimental do espírito”³⁰, pressupõe um consenso geral, acentuado em particular em finais do século XVIII, a respeito de uma convicção que se vai instalando na própria colisão da Filosofia com as ciências naturais, e que releva em primeiro lugar do entrelaçamento da prática experimental da Química com o conceito de intuição da totalidade manifesto na emergente Filosofia da natureza. Essa convicção, ou esse lugar perspícuo da reflexão, consiste em descobrir no dinamismo da matéria uma pura estrutura de analogia com o processo do espírito humano, pensando ambos como um só a partir de um princípio idêntico.

Na sua Filosofia da natureza, Schelling havia enunciado abertamente a identidade entre o sistema da natureza e o sistema do espírito, fazendo da primeira um reflexo ou *analogon* do segundo, e deduzindo deste último, de acordo com o modelo polarizado da duplicidade e da identidade universais, o jogo e a intensidade das forças dinâmicas da matéria. O físico Johann Wilhelm Ritter, autor do estudo *A Física como Arte* (1806), modulou esta intuição de uma simbiose ou de uma igualdade estrutural do espírito com a natureza concentrando-a no paradigma do Galvanismo, no qual entreviu uma força unificadora e organizadora de todos os fenómenos da natureza, e cuja afinidade com o processo químico fazia dele o princípio geral subjacente a todas as formas de vida, orgânicas e inorgânicas. A “electricidade animal”, a corrente galvânica, davam-se assim como arquétipo de uma condutibilidade geral dos corpos sobre a terra. É a este enquadramento que alude Schlegel, quando, para descrever o plano, que acalentou por volta de 1798, de iniciar uma correspondência teórica com Novalis – a qual teria como ponto de partida precisamente uma “Filosofia da Física”³¹ –, se refere a um “galvanismo do espírito”³².

²⁹ KA 18: 149 (309), 426 (7).

³⁰ KA 2: 176.

³¹ F. Schlegel a Novalis, 28 de Maio de 1798, in: Preitz, M. (Ed.): *Friedrich Schlegel und Novalis. Biographie einer Romantikerfreundschaft in ihren Briefen*, Darmstadt, 1957, p. 117.

³² Schlegel a Novalis, Julho de 1798, in: *Friedrich Schlegel und Novalis*, op. cit., p. 123.

Da junção de Religião e Física, coadunada com a silhueta de uma arte científico-experimental, Schlegel irá extrair o conceito onnipresente da Poesia como condição da História, para ele indissociável do estudo da natureza. Num segundo movimento, ele resume a sua abordagem da Física como o núcleo da Filosofia da natureza, numa ambição de sistema que se apresenta como esboço.

A Filosofia da Física não contém mais do que uma característica da natureza como [característica] de um animal infinito, de uma planta infinita e de um mineral infinito. – Tudo isso é a História natural da natureza.³³

Resta identificar o que sucede à junção do religioso e do físico, isto é, determinar a linha de fuga colateral à corporeidade do divino: elevada, e, mais do que isso, exposta ao infinito, a Filosofia da Física não tem outra escolha senão incrustar-se no passo que se encontra na sua origem: o transcendental, designado como “princípio da Física”.³⁴

Nas mãos de Schlegel, o conceito do transcendental tem tanto de herdado (na descendência de Kant e Fichte) como de construído (indício da transposição da posição filosófica na génese da poesia transcendental). A sua definição isolada, que começa por ver nele uma das partes constituintes do “espírito histórico”, espelha o ângulo raso da relação da Física com a Filosofia – “transcendental é precisamente aquilo que se refere à ligação ou separação do Ideal e do Real”³⁵ – e refaz as conclusões prévias sobre a condição da Física como arte, redistribuindo o lugar e o movimento de cada uma delas. Numa nota de 1799 pode ler-se:

Cada pensamento é um processo químico; o método transcendental é galvânico. O filosofar é artístico físico, da mesma maneira que o tornar poético é natural.³⁶

O método transcendental é galvânico (electro-químico), o acto filosófico é artístico (físico-transcendental): eis a primeira sinopse do *Witz* e da arte combinatória, no gesto de liquefacção do pensamento que ambos estão em condições de suscitar, sob os auspícios da forma cíclica da razão, implicada precisamente na representação do transcendental. A apreensão do método do saber, que começara por ser fixada na equação “Filosofia = Química

³³ KA 18: 148 (296).

³⁴ KA 18: 153 (353).

³⁵ KA 2: 169.

³⁶ KA 18: 157 (406).

lógica”, é agora estirada e comprimida numa máxima: “A Filosofia, uma espécie de Química transcendental.”³⁷

Uma Filosofia da Física

Nas Lições de Jena (1800-1801) sobre a *Filosofia transcendental*, a Física está presente desde o início como um *organon* de experimentação, que, situado entre dois métodos, a Construção (Matemática) e a Característica (História), é convertido no ponto indiferenciado de ambos, e se eleva assim a “primeira” e “suprema” entre as ciências.³⁸ Um longo percurso mostrará posteriormente a auto-dissolução do todo da Filosofia na Física e na História. Cabe a uma inquietação deste género com o destino da matéria do saber repisar essencialmente a questão geral da separação entre uma Física experimental e uma Física “verdadeiramente” científica, para integrar depois a mesma linha divisória na generalização que lhe é inerente, isto é, no problema, referido acima, da relação das ciências naturais com a Filosofia da natureza.

Para Schlegel, a Física, considerada em si mesma, na sua condição elementar, não pode senão corresponder imediatamente ao idealismo, da mesma forma que as “leis da natureza” traduziriam de modo linear os princípios do realismo. A própria ideia de uma dissolução da Física na História não indica outra coisa senão a fusão do ideal com o real, ou a ambição pluriforme de um idealismo objectivo (sob a influência de Espinosa, mas também, em grande medida, de Jacob Böhme). É nesse sentido que tende, no seu crescimento, o “sistema da História da natureza”³⁹, bem como todo o desdobramento da Filosofia que faz dela o seu objecto.

Numa secção das suas Lições de Colónia (1804-1805), Schlegel dedica-se a uma exposição minuciosa, desta vez intencionalmente sistemática, do “desenvolvimento da Filosofia” nos seus vários estádios – exemplarmente intitulada *Da relação da Filosofia com a Física*.⁴⁰ No entanto, as suas considerações decisivas sobre esta matéria estão contidas antes de mais em várias anotações fragmentárias, a partir de 1797, onde a articulação da génese e do tempo de uma Física da Filosofia surge como reverso progressivo, necessariamente instável, da Filosofia da Física. Associada à pergunta

³⁷ KA 18: 33 (155), 89 (716).

³⁸ *Transcendentalphilosophie*, op. cit., pp. 3 -4, 16.

³⁹ KA 18: 157 (403).

⁴⁰ KA 12: 419 -428.

pelas condições do conhecimento, a con-fusão operante de Química e Física atinge aqui o seu auge. Da mesma maneira que o processo químico se apresentava, mediado pelo artifício da metáfora, como um desígnio proto-filosófico do Idealismo que ao mesmo tempo o minava interiormente, assim também, a Física procura agora a sua determinação não apenas no interior de um sistema da Filosofia, mas lado a lado com esta última.

Qual pode ser o acolhimento da Física pela Filosofia? O movimento é evasivo e circundante: “A Física é ainda um outro sair da Filosofia para fora de si”.⁴¹ A ameaça de um equívoco é dissipada reconstruindo o argumento de Schlegel: a Física, uma ciência mínima, em si mesma desprovida de uma forma própria, por ser essencialmente, enquanto arte, um corpo em devir, é por assim dizer transposta exteriormente na forma da Filosofia, e passa a dar-se como a expressão material, corpórea desta última, mediando a sua relação com o órgão da Religião. As *Ideias* (1800) definiam claramente um tal pressuposto: Poesia (Realismo) e Filosofia (Idealismo) “são apenas extremos”⁴² na espera da sua unificação – na Religião por vir. De duas matérias diferenciadas entre si é produzido um terceiro termo cujas propriedades excedem os dois elementos a partir dos quais é constituído. Schlegel escreve a Novalis, a 2 de Dezembro de 1798: “Em que outra coisa resulta a síntese de Goethe e Fichte, senão em Religião?”⁴³

Duas instâncias heterogêneas atravessam-se, perfuram-se mutuamente; o corpo da unificação não prevalece senão enquanto dura o ponto mais alto, o ápice da sua mistura, a pura indeterminação no estado partilhado da dissolução de uma na outra. Esse ponto é a imagem neutralizada da aproximação contínua do “espírito universal”, no núcleo de sedição de que é feito, à condição da harmonia: “A universalidade é a saturação recíproca de todas as formas e de todas as matérias.”⁴⁴ Mas existem gradações, e uma escala, nesta inclinação para o universal.

Uma Física da Filosofia

Os idealistas químicos, dizia o fragmento 412 do *Athenäum*, viram na separação e na mistura eternas de todas as forças o modo de produção

⁴¹ KA 19: 18.

⁴² KA 2: 265.

⁴³ *Friedrich Schlegel und Novalis*, op. cit., p. 140. Cf. Novalis, *Schriften*, op. cit., Vol. III, pp. 420 -421 (782).

⁴⁴ KA 2: 255.

do infinito. O movimento químico é revolutivo, revolucionário, no sentido literal, interno, e situa-se por isso no meio, entre o que precede a forma coagulada (a lei da solidificação) e o que a faz deslocar-se como um todo vivo (o princípio do crescimento biológico).

A “universalidade orgânica”⁴⁵, por seu turno, na qual seria deposto o espírito depois da sua passagem pelas ordens mecânica e química da natureza, da arte e da história, supõe o encerramento, o acabamento do pensamento, a entrada em cena do “espírito perfeito”. Este, contudo, é abordável unicamente no risco da sua impossibilidade: “só o espírito perfeito seria capaz de pensar ideais organicamente”. A forma condicional exemplifica o modo como à força criadora do “Gênio sintetizante”⁴⁶ subjaz necessariamente algo como as causas primeiras do movimento e da unidade na natureza. Do atrito galvânico do heterogêneo é gerada a afinidade do espírito com a matéria: “Ideias são pensamentos divinos, infinitos, autônomos, sempre ágeis em si mesmos.”⁴⁷

Não obstante, o pensamento divino, sintetizado e tornado auto-suficiente na sua infinitude e na sua agitação internas, não revela ser idêntico ao órgão do pensamento, e do pensamento orgânico não decorre espontaneamente a razão orgânica do ideal. O “espírito universal” que aspira à “última síntese”⁴⁸ flutua entre o sólido e o líquido, entre o mineral e o vegetal: a sua potência – assim o determinou Schlegel a propósito da Poesia moderna e da Arte em geral – é animal; a sua matéria, uma individualidade que contém em si organicamente a sua universalidade; o seu substrato, um todo vivo, em si mesmo diferenciado, que compreende em si a unificação infinita na plenitude (ou na proliferação) infinita.

Em suma, a autonomia do orgânico, a organização viva do pensamento de um ideal, como aquele que encerra a união da Poesia com a Filosofia, não pode ser outra coisa senão o próprio ideal que, ao tomar-se a si mesmo por alcançável, regride por contrapeso no próprio fundo da progressão que o faz mover-se, e interpõe a si mesmo o obstáculo que o leva a estacar e a recuar perante a síntese derradeira, a “última síntese” – pois esta significaria o fim de toda a vida orgânica e um regresso à condição mineralógica do pensamento, à unidade homogênea, encerrada em si mesma e imutável, das suas partes. Uma “saturação recíproca de todas as formas e de todas as matérias” tem por isso de ser obstruída e reconduzida, no próprio instante em que é enunciada, à *res extensa* da aspiração da qual partiu.

⁴⁵ KA 18: 218 (295).

⁴⁶ KA 2: 200.

⁴⁷ KA 2: 257.

⁴⁸ KA 2: 255.

Ao Idealismo químico, pretendia Schlegel, faltam as antíteses que serviriam de resposta às suas teses. À Filosofia da Filosofia, após a falência da teleologia mecanicista, e nos limites da nomenclatura química, falta-lhe exceder essa exiguidade do método filosófico. Só poderá fazê-lo repetindo, enunciando de novo, agora sob o signo animal do infinito, no lugar de interrupção da totalidade orgânica, o processo químico da separação e da mistura.

Seria este o ponto – precisamente não absoluto, mas potenciado – na direcção do qual se move a Química transcendental, no próprio ressurgimento ou na própria opacidade inerentes à cadência experimental e ao fundo auto-reflexivo de uma Filosofia da Filosofia. O ideal é assim, na sua essência e na sua prática, o modo de uma aproximação que nunca chega a tocar no seu fim, e que, em vez disso, se torna na própria imagem de uma liquefacção por contra-posição. A síntese é sempre antitética, a completude sempre progressiva, a mistura sempre separada, a Ciência sempre Arte.

O espírito humano é ele próprio uma antítese [...] No estilo antitético são por assim dizer postas em evidência as arestas dos objectos; com efeitos benéficos para a matéria fluida, como para a histórica. Aquilo que já de si é angular, como a matéria filosófica, tem de ser tornado líquido.⁴⁹

Aqui reside, não o recomeço de uma Filosofia da natureza ou de uma Fisiologia do universal no sentido estrito, mas antes e acima de tudo o ponto de contacto no qual da Filosofia da Física (o saber ou a teoria da natureza, tocados pela “vocação para o infinito”) e da Física filosófica (a analogia química do espírito activo na matéria) começa a desprender-se — e pode ter início — uma Física da Filosofia, o que mais não quer dizer senão: o estudo da sua forma.

⁴⁹ LN 43-44.

ABSTRACT

THE PHILOSOPHY OF PHYSICS – A PHYSICS OF PHILOSOPHY

The oldest systematic program of German Idealism predicted the emergence of a “large-scale Physics” that would be given “wings” to rise in the days to come. Similarly, Friedrich Schlegel’s experiments on the paradoxical representation of modern Physics as a “practical science of substance” forced him to radically confront the autonomy of the Philosophy of Nature, one of the dominant issues at the end of the 18th century. Schlegel tried to achieve a “higher Physics” by equating what he called the “Physics of the universe” with a “divine Logic”. This hybrid made him consider “natural Physics” in terms of a “Philosophy of Physics” subsuming within itself a “natural history of nature”. Founded upon an idea of Physics as the quintessence of a science yet to come, unified as a living whole, a Philosophy of Physics necessarily implies a Physics of Philosophy – and urges one to rethink the nature of all philosophy.

Key-Words: Friedrich Schlegel – Physics – Philosophy of Nature – *Ars Combinatoria* – German Idealism

RESUMO

FILOSOFIA DA FÍSICA – FÍSICA DA FILOSOFIA

O mais antigo programa sistemático do Idealismo alemão previu o surgimento de uma “Física em grande escala”, à qual seriam dadas “asas” para se elevar no tempo por vir. No mesmo espírito, as experiências de Friedrich Schlegel sobre a representação paradoxal da Física moderna como “ciência prática da substância” levaram-no a enfrentar de modo radical a autonomia da Filosofia da natureza como um dos problemas dominantes do final do século 18. Schlegel tentou alcançar uma “Física superior” equacionando aquilo a que chamou a “Física do universo” com uma “Lógica divina”. Esse híbrido fê-lo considerar a “Física natural” nos termos de uma “Filosofia da Física” que conteria em si uma “História natural da natureza”. Fundada numa ideia da Física como quintessência da ciência por vir, unificada como um todo vivo, uma Filosofia da Física implica também uma Física da Filosofia – e obriga assim a repensar a natureza de toda a filosofia.

Palavras-chave: Friedrich Schlegel – Física – Filosofia da Natureza – *Ars Combinatoria* – Idealismo Alemão